

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCIMAR DOS REIS DE AMORIM

A IDEOLOGIA NA NOVA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA

CURITIBA

2012

LUCIMAR DOS REIS DE AMORIM

A IDEOLOGIA NA NOVA CLASSE MÉDIA BRASILEIRA

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em Sociologia Política, no Curso de Pós-Graduação em Sociologia Política, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Paulo Roberto Neves Costa

CURITIBA

2012

Dedico esse trabalho a meu esposo, Luciano Amorim, e aos meus filhos Marcos, Leonardo, Luciana e Pedro; por estarem sempre presente em minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, Professor Dr. Paulo Roberto Neves da Costa, pelo acompanhamento e orientação.

Ao Curso de Pós-Graduação em Sociologia Política, da Universidade Federal do Paraná, na pessoa do seu coordenador Prof. Dr. Paulo Roberto Neves da Costa, pelo apoio recebido.

Aos meus amigos, Walter Luiz Mauch e Eder Ferreira Queiroz.

“A história da sociedade até aos nossos dias é a história da luta de classes”

**Karl Marx**

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como finalidade estudar as posições ideológicas de milhões de brasileiros que ingressaram na chamada “nova classe média”. O texto está dividido em três partes; na primeira serão abordadas, dentro do campo do marxismo, formulações sobre a produção e reprodução das ideologias no modo de produção capitalista. Na segunda parte, os fundamentos econômicos da mobilidade social da “nova classe média”. E finalmente, veremos quem são esses autores inseridos nessa “nova classe média”, progressistas ou conservadores? Como fazem opção de voto?

**Palavras-chave:** Classes sociais, ideologias, voto, marxismo.

## RESUMO

Este trabajo de conclusión de curso, tiene como finalidad estudiar las posiciones ideológicas de millones de brasileños que ingresaran en la llamada “nueva clase mediana”. El texto está subdividido en tres partes; en la primera se presentará, el campo del marxismo, formulaciones sobre la producción y reproducción de las ideologías en modo de producción capitalista. En la segunda, los fundamentos económicos de la movilidad social de la “nueva clase mediana”. Y en la última, veremos quienes son esos autores inseridos en esta “nueva clase mediana”; ¿progresistas o conservadores?, ¿Cómo hacen opción de voto?

**Palabras-Clave:** Clases sociales, ideologías, voto, marxismo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>1. A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA.....</b>	<b>11</b>
1.1 DETERMINISMO ECONOMICISTA.....	11
1.2 A BASE MATERIAL COMO DETERMINANTE DE ÚLTIMA INSTÂNCIA....	12
1.3 IDEOLOGIA.....	15
1.3.1 Os aparelhos ideológicos e a reprodução do capital.....	16
<b>2 AMBIENTE MACROECONÔMICO.....</b>	<b>19</b>
2.1 POLÍTICAS PÚBLICAS E INDICADORES SOCIOECONÔMICOS.....	22
2.1.1 Mercado de trabalho e salário mínimo.....	22
2.1.2 Expansão do crédito e o investimento público.....	24
<b>3 A NOVA CLASSE MÉDIA.....</b>	<b>27</b>
3.1 OS COMPONENTES DA NOVA CLASSE MÉDIA.....	27
3.2 PROGRESSISTA OU CONSERVADORA?.....	28
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Com o fim das políticas neoliberais estagnacionistas do governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), a administração Lula iniciou um amplo projeto de redistribuição de renda, com a valorização do salário mínimo, os investimentos em infra-estrutura e as bolsas de caráter assistencial. Suportado por um cenário externo favorável de elevação dos preços das matérias primas e ingresso de capital estrangeiro, o Brasil adentrou em uma nova fase de virtuoso crescimento econômico que permitiu o Ascenso de milhões de brasileiros para a Classe C<sup>1</sup> (cerca de 29 milhões de brasileiros ingressou nas fileiras da chamada nova classe média – Classe “C” – entre 2003 e 2009).

Qual a importância econômica e política desta mudança na estrutura social? Os 94,5 milhões de brasileiros da Classe C que estão na nova classe média correspondem a 50,5% da população, ou seja, a Classe C pode decidir o segundo turno de uma eleição e até, poderia decidir a eleição sozinha. Também preponderante sob o ponto de vista econômico, a Classe C detém mais de 46% do poder de compra dos brasileiros (dado de 2009), enquanto a Classe A/B abocanha 44% do mesmo.

Claramente os valores dos recém ingressos na classe média não serão os mesmo dos seus tradicionais elementos. Os elementos tradicionais da classe média valorizam o estudo e a leitura, buscam informações através de livros e revistas, são individualistas, avessos ao tutelamento religioso, e tendente a certo tipo de conservadorismo político. Em relação aos emergentes a bibliografia apresenta pontos de vista diversos e conflitantes. Para Singer<sup>2</sup>, por exemplo, a nova classe média é politicamente conservadora, formatada ideologicamente por setores religiosos pentecostais, além de individualista e despolitização, tornando-se arredia ao discurso da luta de classes. Por outro lado, Jessé de Souza<sup>3</sup> argumenta que esta é uma discussão em aberto, pois se os emergentes são sensíveis ao discurso do

---

<sup>1</sup> Para a Fundação Getúlio Vargas (FGV), a classificação dos diversos grupos sociais leva em conta a disponibilidade de renda auferida pelas famílias, quer seja renda obtida pelo trabalho, rendimentos de aposentadoria ou benefícios auferidos através de programas sociais.

<sup>2</sup> FREITAS, Hermano. **A nova classe média brasileira é conservadora.**

<sup>3</sup> MARSIGLIA, Ivan. **Aonde vai a nossa classe média.**

individualismo, também o são para as políticas de cunho social e distributiva, produzindo um campo aberto para ser explorado na luta político-eleitoral.

Considerando que os valores sociais são partes componentes da ideologia<sup>4</sup>, iremos adotar como ponto de partida o conceito de Marx da relação entre base e superestrutura como formador das ideologias de classes e camadas sociais. Ou seja, as ideologias têm uma base material e, como o materialismo propõe, é o mundo que move as idéias, pois não existem idéias “inatas” ou a entidade “alma”. Desta forma, iremos considerar como arcabouço básico das ideologias o “leitmotiv” do capitalismo: acumular capital. Seguindo esta linha de pensamento, Althusser irá nos explicar, através do conceito de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), como os interesses materiais das classes dominantes são construídos e difundidos através do tecido social.

Ante o exposto, o trabalho será estruturado em três partes, na primeira, será desenvolvido aspectos teóricos sobre a formação dos valores e ideologias nas sociedades capitalistas, com base no pensamento filosófico de Marx, para chegar a essa construção ideológica. Com essa idéia poderemos entender os capítulos posteriores. Na segunda parte será abordado o ambiente das políticas macroeconômicas que possibilitaram ascensão da nova classe média, onde será possível analisar o processo de desenvolvimento disso, na política de nosso país, podendo analisar também algumas conseqüências das atitudes governamentais geradas nos últimos anos. E, na terceira parte, será discutido como os diversos autores interpretam os valores da nova classe média, fazendo com que essa mesma “Nova Classe Media” seja capaz ou tenha possibilidades de se inferir um futuro comportamento eleitoral para estes novos emergentes.

---

<sup>4</sup> Segundo Gramsci ideologia seria “uma concepção do mundo implicitamente manifesta na arte, no direito, na atividade econômica e em todas as manifestações da vida individual e coletiva” – Dicionário do Pensamento Marxista.

## 1 A CONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA

### 1.1 DETERMINISMO ECONOMICISTA

“As ideias dominantes de uma época são as ideias da classe dominante”<sup>5</sup>. Com esta frase Marx e Engels sintetizam a concepção materialista da história que indica que os interesses materiais da classe dominante serão os interesses espirituais de todas as demais classes sociais desta sociedade. Ou seja, no capitalismo, por exemplo, a acumulação de capital impregna todos os poros sociais, influenciando decididamente na criação de sentimentos e valores dos indivíduos.

Na teia de forças que moldam as ideologias, há a necessidade de detectarmos qual o fundamento primeiro, a base, sobre a qual as ideologias são produzidas e reproduzidas. Um observador menos atento, surpreso com a plêiade de valores que se lhe apresentam diariamente, na aparente luta incessante e desconexa de cada indivíduo pela afirmação dos seus sentimentos e ideologia, na falta de qualquer elo que una os diferentes períodos históricos e suas ideias, poderia argumentar que não existe fundamento algum que não seja a própria subjetividade do indivíduo. Se assim fosse, a não existência de um fundamento cairíamos no relativismo historicista, na noite em que “todos os gatos são pardos”, estudaríamos o caso, e logo a seguir outro caso, colecionaríamos casos e mais casos, criando um grande acervo para o nada. Analisaríamos sem nunca chegar a qualquer síntese e suspenderíamos o juízo como os cétricos pirrônicos, concluindo que a realidade é a “coisa em si” kantiana; sem chão teórico a consequência lógica é o imobilismo político e o niilismo nietzschiano.

A simples afirmação de que a base econômica leva a um determinismo estreito desconsidera que Marx e Engels foram formados intelectualmente por Hegel e pela dialética hegeliana. A dialética hegeliana não permite qualquer tipo ou forma de simplificação teórica, pelo contrário, como afirmava Hegel: o real é o todo; as explicações devem ser amplas e completas, observando valores subjetivos e condições objetivas. Claramente se acrescenta novos graus de dificuldade quando

---

<sup>5</sup> Marx e Engels – **A ideologia alemã** – pág 47.

analisamos, por exemplo, umas estruturas burocráticas sem nos atermos aos fatores materiais e exteriores que a influenciam. Logicamente, é muito mais fácil ficar na análise do particular do que procurar a síntese de todas as forças envolvidas no processo social. Ou como Hegel diria: “enxergam a árvore, mas não a floresta”.

Pontuamos claramente as ferramentas teóricas que consideramos adequadas à discussão da questão central aqui posta, recorte necessário; facilitando ao leitor, logo de início, o mapa conceitual que iremos trilhar ao longo dos parágrafos seguintes e, principalmente, evitando a confusão teórica que se criou em torno do materialismo marxista.

## 1.2 A BASE MATERIAL COMO DETERMINANTE DE ÚLTIMA INSTÂNCIA

Se existe um resumo do método marxista, como cita Hobsbawn, é o seguinte trecho do prefácio “Para a crítica da economia política”<sup>6</sup>

“O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de fio condutor aos meus estudos, pode ser formulado em poucas palavras: na produção social da sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção, que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base concreta sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e a qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência.”

Em outras palavras, a ideologia dos indivíduos é construída socialmente e toda sociedade é regida fundamentalmente por seu modo de produção. Assim, no modo de produção capitalista é a apropriação privada do valor socialmente produzido que dita os valores dos indivíduos. Para Marx e Engels, o ser humano se relaciona com o mundo através do trabalho, é o que nos diferencia das outras

---

<sup>6</sup> Karl Marx – “**Para a crítica de economia política**”, pág. 29/30.

espécies animais. Central no pensamento destes autores, o trabalho deve ser entendido na sua acepção filosófica e econômica. Trabalhar significa sobreviver; trabalhamos para obter as condições materiais que nos permitam manter nossa existência. Transformamos o mundo em nossa volta através do trabalho, adaptando-o aos nossos interesses e em função das nossas necessidades. As sociedades de caçadores coletores viviam em função de suas atividades de caça e coleta; uma sociedade camponesa em torno da agricultura e pecuária e as sociedades industriais através da produção e venda de mercadorias. Por mais dispares que tais exemplos possam parecer, todos tem um mesmo fio que os une: o trabalho. Através deste que podemos descrever e comparar tão diversos modos de organização social.

Tomando em forma de categoria filosófica abstrata, o conceito trabalho pode perder seu conteúdo – torna-se idealista - se não conectado a outro conceito, o da “base material”. Nota-se que não estamos adotando o conceito mais restrito de “base econômica”, mas o ampliado “base material” que inclui não apenas as forças produtivas e as relações de produção. Uma cadeia de montanhas que afete o desenvolvimento de uma determinada região é uma componente da base material, por exemplo, (o mesmo é utilizado por Engels em sua famosa carta à Bloch<sup>7</sup>). Colocando o conceito de acordo com o materialismo, se por um lado perdemos a especificidade do econômico, que era o maior interesse de Marx, por outro lado evitamos que o conceito da forma idealista de que tudo é trabalho.

O conceito amplo de base material ao invés de base econômica e o equívoco dos que enxergam na base material um simplismo economicista é claramente rechaçado por Engels na sua carta à Bloch<sup>8</sup>:

“Se os mais jovens insistem, às vezes, mais do que devem, sobre o aspecto econômico, a culpa em parte temos Marx e eu mesmo. Face aos adversários, éramos forçados a sublinhar este princípio primordial que eles negavam e nem sempre dispúnhamos de tempo, de espaço e de oportunidade para dar a importância devida aos demais fatores que intervêm no jogo das ações e das reações. Tão logo, porém, se devia analisar uma época histórica – e, portanto, aplicar esse princípio, na prática –, as coisas mudavam e desaparecia a possibilidade de erro. Infelizmente, acontece com muita frequência que se pense ter compreendido totalmente uma nova teoria e que se possa manejá-la, sem mais nem menos, pelo

---

<sup>7</sup> Carta de Engels a Bloch,

<sup>8</sup> Idem 7.

simples fato de haver-se assimilado – e nem sempre de maneira exata – suas teses fundamentais.”

A determinação das superestruturas pela base material deve ser entendida dentro do conceito de dialética. Base e superestruturas se relacionam dialeticamente. Na dialética não existe começo e fim, resultado final e término; nem qualquer esquema de evolução determinado. A tecedura do real é o fluxo; conceitos são produzidos e continuamente modificados; o mundo material (dialética da natureza) é um constante devir; portanto, se há determinismo nas formulações de Marx e Engels, só poderá ser o determinismo do concreto.

As ideologias podem moldar a base material e ser o determinante principal em determinadas situações, mas nunca a base material será produzida única e exclusivamente pelas ideologias – lembramos que valores não podem ser explicados por valores e estes por outros valores; sob pena de acreditarmos na kantiana noção de ideias *a priori* -. Engels, novamente, é claro sobre o tema<sup>9</sup>:

“Segundo a concepção materialista da história, o fator que, em última instância, determina a história é a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx nem eu afirmamos uma vez se quer algo mais do que isso. Se alguém o modifica, afirmando que o fator econômico é o único fato determinante, converte aquela tese numa frase vazia, abstrata e absurda. A situação econômica é a base, mas os diferentes fatores da superestrutura que se levanta sobre ela – as formas políticas da luta de classes e seus resultados, as constituições que, uma vez vencida uma batalha, a classe triunfante redige, etc, as formas jurídicas, e inclusive os reflexos de todas essas lutas reais no cérebro dos que nelas participam, as teorias políticas, jurídicas, filosóficas, as ideias religiosas e o desenvolvimento ulterior que as leva a converter-se num sistema de dogmas – também exercem sua influência sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam sua forma, como fator predominante. Trata-se de um jogo recíproco de ações e reações entre todos esses fatores, no qual, através de toda uma infinita multidão de acasos (isto é, de coisas e acontecimentos cuja conexão interna é tão remota ou tão difícil de demonstrar que podemos considerá-la inexistente ou subestimá-la), acaba sempre por impor-se, como necessidade, o movimento econômico. Se não fosse assim, a aplicação da teoria a uma época histórica qualquer seria mais fácil que resolver uma simples equação de primeiro grau.”

---

<sup>9</sup> Iden 7.

### 1.3 IDEOLOGIA

A discussão no âmbito do marxismo sobre o conceito e modo de operação das ideologias frutificou e produziu diferentes abordagens que permitem ao pesquisador suprir-se de um bem elaborado arsenal teórico. O ponto de partida de Marx e Engels, de que as ideologias dominantes de uma época são produto da classe dominante, abrange o ponto fundamental de que as ideias e valores de uma época devem estar em consonância com os pontos de vista e interesses da classe detentora dos meios de produção. Ocorre que tal conceito não explica como as ideologias são produzidas e difundidas; tomado ao pé da letra, pareceria que Marx e Engels sugerem que os dominados são autômatos que absorvem passivamente a visão do mundo dos dominantes; indicando que não há um processo contraditório na construção de uma ideologia.

Classes sociais não são homogêneas, a burguesia como classe dominante é composta de camadas e extratos: há uma burguesia ligada ao capital industrial, ao capital financeiro e ao agro-negócio; regiões geográficas e o passado histórico formatam e delimitam interesses e perspectivas; o mesmo com as demais classes sociais. A absorção de valores pelos de baixo via aparelhos ideológicos não é um ato unívoco; os indivíduos agem e reagem de diversas formas e maneiras. Em uma mesma família, os pontos de vistas podem ser radicalmente divergentes sobre determinados assuntos; diferenças no grau de instrução e na faixa etária podem induzir as posições políticas, por exemplo, que não podem ser explicadas, simplesmente pela posição de classe.

Tomadas estas explicações iniciais, podemos apresentar um conceito de ideologia que se aproxima das intenções do presente trabalho:

“A ideologia é de fato um sistema de representação, mas na maioria dos casos estas representações nada têm a ver com “consciência”. Geralmente são imagens e ocasionalmente conceitos, mas acima de tudo como estruturas que elas se impõem sobre a imensa maioria dos homens, não através de sua “consciência”. São objetos culturais percebidos-aceitos-suportados, e que agem funcionalmente sobre os homens por processo que lhes escapa.” Na ideologia, os homens expressam, com efeito, não as suas relações nas suas condições de existência, mas a *maneira* como vivem a sua relação às suas condições de existência: o que supõe, ao mesmo tempo, relação real e relação “vívida”, “imaginária”. “A ideologia é, então, a

expressão da relação dos homens com o seu “mundo”, isto é, a unidade (sobre-determinada) da sua relação real e da sua relação imaginária com as suas condições de existência reais” (ALTHUSSER, p. 206/207, 1979)

### 1.3.1 Os aparelhos ideológicos e a reprodução do capital

Os indivíduos no modo de produção capitalista estão envolvidos pela lógica da acumulação de capital. Mesmo os excluídos, o exército industrial de reserva e o lumpesinato, são produtos do mecanismo de valorização das mercadorias e estão também sob influência das ideologias que sustentam tal valorização. No entanto, não há automatismo na produção e difusão das ideologias; a reprodução econômica necessita de um aparato econômico, político e ideológico que lhe permita realizar o circuito dinheiro-mercadoria-dinheiro.

A unidade fundamental na produção do valor é o trabalhador. Este apenas, cria valor. Máquinas, edifícios, matérias primas apenas transferem seu valor às mercadorias, são, como nomeia Marx, trabalho morto. Mas como tal processo ocorre? Se o sistema é tal “injusto” como os marxistas o pintam, por que os trabalhadores, tão conformados, não se rebelam e destroem o sistema? Quem os obriga a serem explorados e alienados desta forma?

Não existe nenhuma força repressora material que faça com que um trabalhador se levante cinco horas da manhã, tome um ônibus ou trem superlotado durante duas horas por dia para enriquecer alguém que provavelmente nem reside no seu próprio país. A grande maioria vai por que acredita que o mais acertado a ser feito. E quem os convenceu sobre isto? Foram os AIE. Desta forma, os AIE têm por função primordial reproduzir as relações de produção, isto é, reproduzir a exploração capitalista.

Os AIE são instrumentos institucionais de disseminação de ideologia, relacionados por (ALTHUSSER, pág. 68, 1987): “AIE religiosos (o sistema das diferentes igrejas); AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas ou privadas); AIE familiar; AIE jurídico; AIE político; AIE sindical; AIE de informação (a

imprensa, o rádio, a televisão, etc...); AIE cultural (Letras, Belas Artes, esportes, etc...),”<sup>10</sup>.

Desta forma, as ideologias, as ideias e valores, têm existência material; podem ser rastreadas na história de cada formação social específica e estudadas através dos seus AIE. Assim, quando visamos entender os valores de determinada pessoa, nada mais ineficaz do que procurar construir tipos, com base em levantamentos estatísticos e questionários, construindo tipos e comparando um caso específico com o tipo padronizado. Tal método é muito similar ao que era adotado pelos antigos entomólogos, vida inteira coletando determinada espécie de inseto, descrevendo-a e construindo um tipo padrão. O indivíduo que se encaixava na descrição padrão, no tipo, era da espécie X. A entomologia evoluiu, migrou da visão do tipo para a visão sistêmica da ecologia. Tão importante quanto qualificar um indivíduo e uma espécie, é conhecer seus hábitos e sua relação com o meio ambiente. Em outras palavras, as ideologias só podem ser entendidas como inter-relações sociais e econômicas e naturais.

Voltando ao ponto sobre as relações de produção, em que consistiria, especificamente para os trabalhadores, a reprodução ampliada do capital? Em outras palavras, o que o capital quer dos trabalhadores? O capital necessita que os trabalhadores, consumam e produzam, mas não de forma racional e sim de acordo com as necessidades de realização da mais valia<sup>11</sup>. O ser humano, por sua própria natureza, necessita trabalhar e consumir; entretanto, nada de natural há no trabalho e no consumo do capitalismo.

Do amplo tema que é o trabalho e consumo no regime de acumulação privada, iremos destacar dois pontos que consideramos fundamentais para as análises em questão: A ética do trabalho e o consumismo.

O consumo é peça fundamental no esquema de reprodução do capital. As mercadorias produzidas devem ser vendidas por um preço superior ao de produção, gerando lucro. O lucro não é apropriado pelo capitalista e consumido, parte ou o todo deve ser reinvestida na produção. O re-investimento é obrigatório, uma vez que

---

<sup>10</sup> Althusser diferencia Aparelhos Ideológicos de Estado, de Aparelhos Repressores de Estado (ARE). Enquanto os AIE são na maioria privados, os ARE são inteiramente de domínio público, funcionam predominantemente através da repressão e, inclusive, violência física, como, por exemplo, o Exército e a polícia. No entanto, não existe exclusividade na utilização da repressão ou ideologia. O Exército também atua como instrumento ideológico, mesmo que secundariamente e na família a repressão física é corriqueira.

<sup>11</sup> É o trabalho vivo produz valor. O trabalho morto, na forma de edifícios, máquinas, equipamentos, matérias primas, apenas transfere o valor, sem nada acrescer ao mesmo.

a concorrência com outros capitalistas não permite que a empresa se mantenha faixas de mercado produzindo sempre a mesma mercadoria ao mesmo custo. Em outras palavras, há a necessidade do empresário aumentar a produtividade do trabalho continuamente, renovando as máquinas e equipamentos, treinando a mão de obra e ofertando novos produtos. Ou seja, uma produção crescente de mercadorias, a um custo cada vez menor deve obrigatoriamente ser consumida, ou por empresários – bens de capital – ou pelos trabalhadores – bens de consumo. Neste quadro a intensificação do trabalho, através do aumento da produtividade, é fundamental. A origem do lucro é a mais valia, é o trabalho não pago; quanto maior for à intensidade do trabalho, mais mercadorias irão ser produzidas pelo trabalhador e maior será o lucro do capitalista.

É corrente que no atual desenvolvimento das forças produtivas, todas as necessidades da sociedade poderiam ser satisfeitas com apenas algumas poucas horas diárias de trabalho. Mas, ao contrário, vemos uma intensificação cada vez maior do ritmo de trabalho e, mesmo quando há uma redução do número de horas diárias de labor, o mesmo se estende fora das empresas, tomando os horários de lazer e refeição. Desprovido de qualquer sentido e racionalidade, o trabalhador se aliena e sente o desgaste físico e mental imposto; naturalmente oferece resistência, passiva ou ativamente; necessitava ser convencido e comprado, como observa (MARCUSE, pág. 29/30, 1982),

“Defrontamos novamente com um dos aspectos mais perturbadores da civilização industrial desenvolvida: o caráter racional de sua irracionalidade. Sua produtividade e eficiência, sua capacidade para aumentar e disseminar comodidades, para transformar o resíduo em necessidade e destruição em construção, o grau com que essa civilização transforma o mundo objetivo numa extensão da mente e do corpo humano tornam questionável a própria noção de alienação. As criaturas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua ama em seu automóvel, hi-fi, casa em patamares, utensílios de cozinha. O próprio mecanismo que ata o indivíduo à sua sociedade mudou, e o controle social está ancorado nas novas necessidades que ela produziu.”

## 2 AMBIENTE MACROECONÔMICO

A nova classe média é produto direto da nova etapa do processo de desenvolvimento econômico ocorrido a partir do início do primeiro governo Lula (jan/2003). Rompendo com um modelo neoliberal de condução da política macroeconômica e social vigente na administração FHC, inverteu-se o sentido das variáveis fiscais e monetárias que seguiam o modelo preconizado pelo “Consenso de Washington<sup>12</sup>”, estabelecendo um ambiente macro-econômico propício à ascensão social e desenvolvimento da nova classe média.

Vitorioso no combate a uma inflação que atingia os dois dígitos mensais, com a instauração do Plano Real em 1994, estavam criadas as condições básicas para que fosse ultrapassado os entraves que tornaram os anos 80 a década perdida, período no qual a economia patinou no crescimento pífio e na hiperinflação. Não cabe aqui discutir se realmente FHC acreditou ou acredita que o “deus mercado” iria sozinho colocar o Brasil no rumo do crescimento econômico e social; ou que as receitas neoliberais tinham como objetivo apenas vender o patrimônio público e que o variável crescimento não fazia parte da equação. O que realmente importa é que foi obtido: estagnação e piora nos indicadores sociais e econômicos.

A queda da inflação veio acompanhada de uma sensível queda na evolução do PIB, como demonstrado a seguir.

Ano	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Cresc. PIB	4,22 %	2,66%	3,27%	0,13%	0,79%	4,36%	1,31%	1,93 %

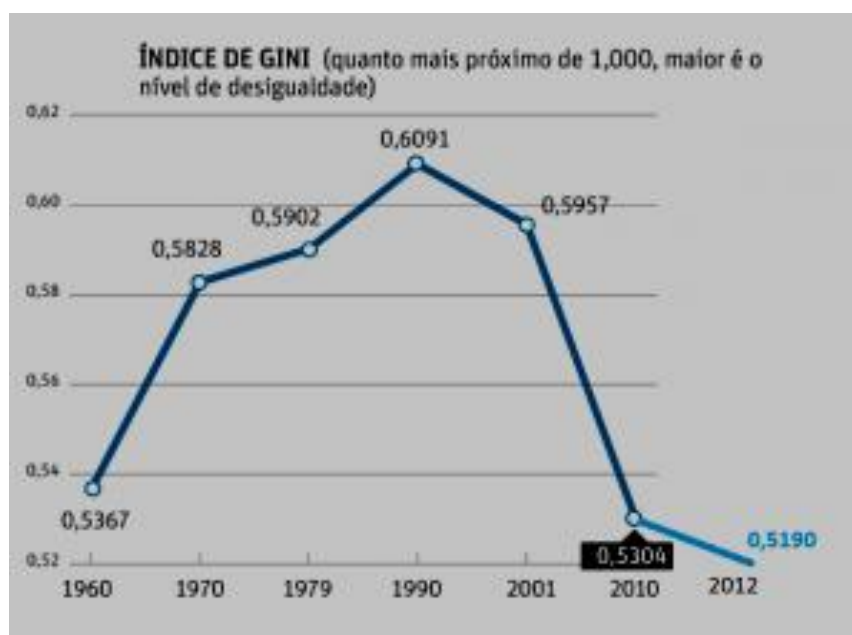
Fonte: IBGE

A estagnação no crescimento levou a uma subida nos níveis de desemprego, mantendo a elevada concentração de renda herdada do regime militar.

Ano	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002
Media Anual	10,7 %	12,9%	13,4%	15,5%	18,9%	16,9%	14,9%	15,3 %

Fonte: DIEESE

<sup>12</sup> **Consenso de Washington** é um conjunto de medidas - que se compõe de dez regras básicas - formulado em novembro de 1989 por economistas de instituições financeiras situadas em Washington D. C., como o FMI, o Banco Mundial e o Departamento do Tesouro, preconizavam a liberalização comercial, as privatizações, corte nos gastos públicos e austeridade fiscal.



Fonte: Índice Gini<sup>13</sup> - IBGE

O início do primeiro governo Lula foi marcado por um ambiente de incertezas macroeconômicas; no ano anterior a moeda brasileira tinha sido alvo de ataques especulativos, ocasionando a depreciação do Real, as linhas de crédito foram reduzidas e as taxas de juros exigidas para empréstimos externos subiram. A principal explicação foi a “aversão” dos mercados a um governo de esquerda que, supostamente, iria desrespeitar contratos, aumentar o déficit público e intervir fortemente na economia. Pelo contrário, surpreendendo o mercado e os próprios correligionários, o primeiro ano do governo Lula se pautou pelo restabelecimento da confiança dos agentes econômicos detentores do capital; a inflação foi combatida com o aumento da taxa Selic e meta de resultado primário do setor público foi elevada de 3,75% do PIB para 4,25% do PIB<sup>14</sup>.

A recessão no primeiro semestre de 2003 teve a vantagem de depreciar o Real e abrir espaço e o crescimento das exportações de commodities; e a queda na taxa de juros permitiu que em 2004 o crescimento econômico se acelerasse. No

<sup>13</sup> **O índice ou coeficiente de Gini** é uma medida de concentração ou desigualdade. É comumente utilizada para calcular a desigualdade da distribuição de renda. O índice de Gini aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de "0 a 1", onde o zero corresponde a completa igualdade de renda, ou seja, todos têm a mesma renda e 1 que corresponde à completa desigualdade, isto é, uma só pessoa detém toda riqueza, e as demais nada tem.

<sup>14</sup> BARBOSA, N.; SOUZA, S.A.P. **A INFLEXÃO DO GOVERNO LULA: POLÍTICA ECONÔMICA, CRESCIMENTO E DISTRIBUIÇÃO DE RENDA.**

biênio 2004-2005 se delineiam as principais características da política macroeconômica que irão acelerar a ascensão social de milhões de brasileiros: a recuperação do poder de compra do salário mínimo, o aumento das transferências do governo para as famílias mais pobres, a expansão do volume de crédito e a redução da taxa de juros. Somadas a estas, temos um ambiente altamente favorável de elevação de preços e consumo de commodities e a forte e decisiva intervenção governamental com medidas anticíclicas – PAC (Programa de Aceleração do Crescimento).

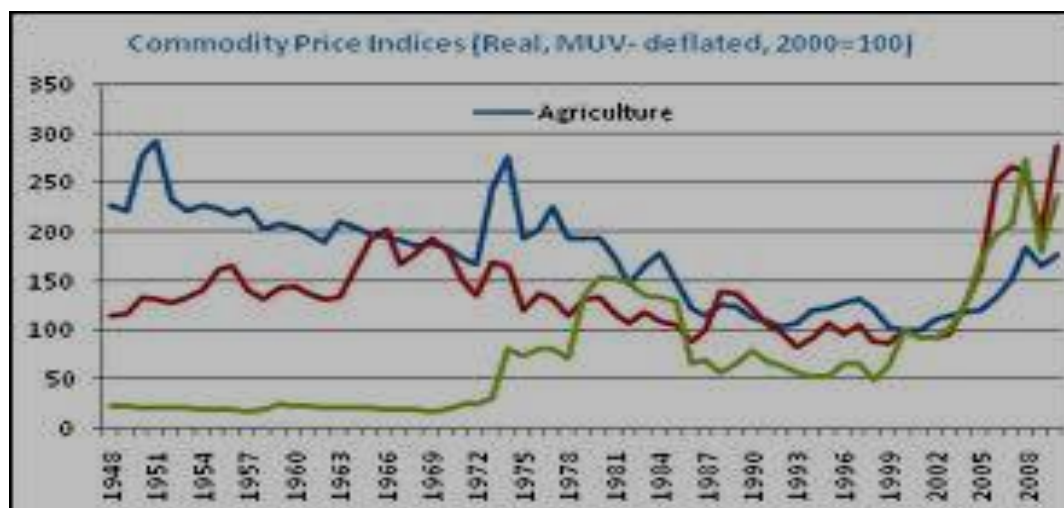
Antes de analisarmos cada uma das medidas macroeconômicas que impactaram a mobilidade social, seria interessante analisar o panorama econômico mundial que possibilitou uma agenda positiva de inclusão social. As exportações totais do país saltaram de US\$ 72 bilhões em 2003 para US\$ 201,9 bilhões em 2010, sendo que no último ano, 69,4% do total exportado eram matérias-primas<sup>15</sup>, revelando a forte expansão das exportações e a concentração da base exportadora em poucos produtos primários. No ano de 2012, apenas seis grupos de produtos - minério de ferro, petróleo bruto, complexo de soja e carne, açúcar e café - representaram 47,1% do valor exportado. Em 2006, essa participação era de 28,4%<sup>16</sup>.

Historicamente a produção e exportação de commodities foi, usando linguagem coloquial, um “mau negócio”. Analisando o gráfico abaixo, temos que o preço dos produtos agrícolas foi declinante. Ou seja, os países que baseavam suas economias em atividades primário-exportadoras sempre sofreram em seus balanços de pagamento com a deterioração dos meios de troca, pois tinham que exportar cada vez mais para obter o mesmo volume de importação de manufaturados. Não havia expansão econômica sustentável, na economia brasileira; ciclos do ouro, do gado, do açúcar e do café tiveram uma fase de expansão, longo declínio e retração que levaram a economia a um estado de estagnação.

---

<sup>15</sup> SOUZA, L. S. **A importância econômica das exportações de commodities para o Brasil.**

<sup>16</sup> GERBELLI, L.G. **Seis produtos são responsáveis por metades das exportações brasileiras.**



Cor verde: metais  
 Cor verde: energia  
 Fonte: BAFES J.

A situação muda a partir dos anos 2000, com a entrada da China no mercado mundial de commodities. Grande importadora de matérias primas, a China puxou o consumo e preços dos produtos primários exportados pelo Brasil, permitindo um saldo positivo na balança comercial; equilibrando o balanço de pagamentos e possibilitando ao governo implementar políticas de crescimento e distribuição de rendas. Em resumo, foi de primordial importância à produção de crescentes saldos comerciais positivos na agenda de políticas sociais do governo Lula.

## 2.1 POLÍTICAS PÚBLICAS E INDICADORES SOCIOECONÔMICOS

### 2.1.1 Mercado de trabalho e salário mínimo

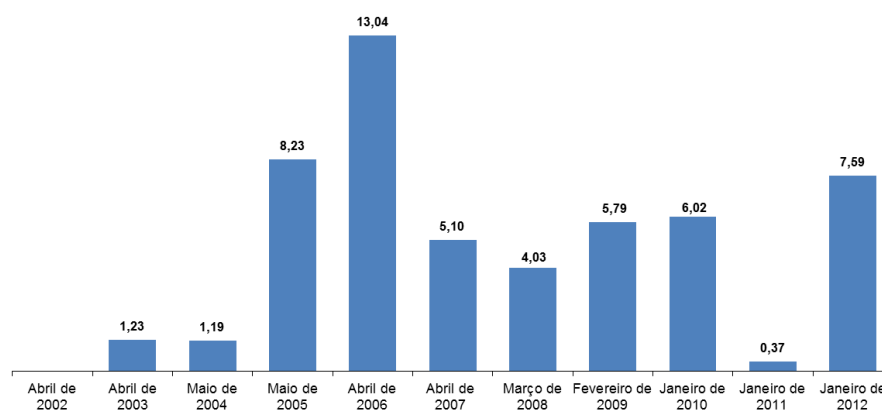
A evolução favorável no mercado de trabalho a partir de 2003 sustenta-se em três grandes determinantes: o crescimento econômico, as políticas de inclusão social e redistribuição de renda e a queda na taxa de fecundidade.

Sem entrar no mérito dos debates sobre desenvolvimento econômico e crescimento populacional, fato incontestável que custou da mão de obra no regime

capitalista, também é regido pelas leis de oferta e demanda. Com a sensível queda, pois os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a taxa de fecundidade registrou uma queda de 20,1% na última década, ao passar de 2,38 filhos por mulher em 2000 para 1,9 em 2010. De fato, a população brasileira de jovens de 15 a 24 anos atingiu um pico de 35,1 milhões de pessoas em 2004 e começou a declinar a partir de então, tendo atingido 33,9 milhões em 2009. Reduzindo-se a oferta de mão de obra, inicia-se um processo de retroalimentação; o aumento do salário real eleva o poder de compra das famílias, elevando-se o consumo obtém-se uma elevação dos investimentos, salários mais elevados induzem a investimentos em aumento de produtividade e necessidade de maior qualificação, que resultarão no aumento da margem para ganhos reais de remuneração e melhor nível de qualificação educacional<sup>17</sup>.

A partir de 2003 a nova administração petista adotou uma política de ganho real do salário mínimo. Os reajustes foram continuamente reajustados em valores superiores ao INPC; em abril/2002 o valor do salário mínimo era de R\$ 200,00, tendo um aumento real de 65,95% até 2012. O impacto deste aumento pode ser mensurado quando lembramos que 48 milhões de brasileiros recebem o salário mínimo; apenas em 2012 o acréscimo de renda será de 47 bilhões<sup>18</sup>

#### Aumentos Reais no Salário Mínimo - 2003-2012



Fonte: Diesse

<sup>17</sup> NAKANO, Yoshi. **A grande transformação social.**

<sup>18</sup> Departamento Intersindical de estatísticas e estudos sócio-econômicos (DIEESE). **Política de valorização do salário mínimo.**

O crescimento da economia puxou o crescimento do salário real, do nível de emprego e a da proporção de trabalhadores com carteira assinada. No período de 2004 a 2010 o salário médio recuperou o seu poder aquisitivo em 17,6%. Com isso, o rendimento médio dos trabalhadores passou a ser 1,6% maior do que o recebido em 1995<sup>19</sup>.

### 2.1.2 Expansão do crédito e o investimento público

Além do aumento do valor do salário mínimo acima das taxas de inflação, o governo federal a partir de 2003 adotou medidas de inclusão social, como a política de crédito consignado e o programa bolsa família.

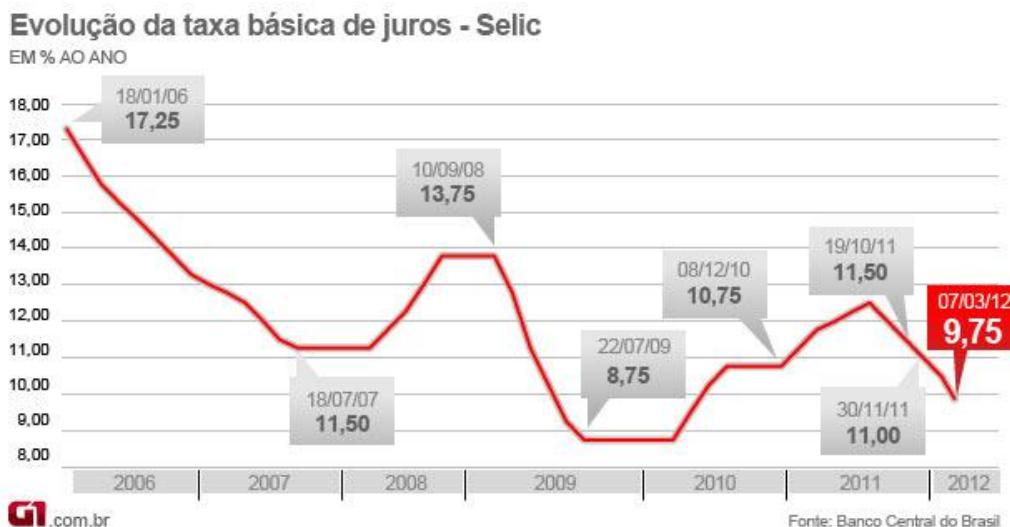
O sistema de crédito consignado veio no bojo de uma expansão do crédito que influenciou significativamente o consumo das classes C e D, tradicionalmente excluídas desta modalidade de operação financeira. Em 2003 o volume de crédito respondia por 22,9% do PIB. Em 2009 o volume chegou a 42,7%. No período de janeiro de 2004 a fevereiro de 2010, o crédito à Pessoa Física mostrou expansão de 160%. O crédito à Pessoa Jurídica, por sua vez, apresentou alta de 83% no mesmo período. Se a estabilidade da inflação, o controle da dívida externa e interna e a redução da volatilidade dos mercados financeiros explicam, em parte, o expressivo aumento do volume de crédito, foi o aumento da renda real do trabalhador que forneceu as reais condições para expansão do volume de crédito<sup>20</sup>. O crédito dos bancos privados saltou de 14,8% do PIB em 2003 para 27,1% em 2010. O dos bancos públicos, de 9,8% para 19,5%<sup>21</sup>. Somado a estes aspectos, foi fundamental para expansão da nova classe média a redução da taxa de juros básica, possibilitando acesso à casa própria e aos bens de consumo duráveis, inclusive automóveis, antes distantes do universo do consumo das classes D e E.

---

<sup>19</sup> POCHAMANN, Marcio. **Salário, produtividade e estabilização.**

<sup>20</sup> LENA L.; FERRAZ C.; VEIGA A. (Colaboradora). **Inclusão financeira, crédito e desenvolvimento: que papel uma renda básica pode jogar nesse processo?**

<sup>21</sup> FIOCCA, Demian. **Porque o Brasil cresceu mais.**



Fonte: <http://www.palavrasdiversas.com/2012/03/dilma-enfrenta-turbulencias-mundiais-na.html>

Além da melhoria do mercado de trabalho e renda e expansão do crédito, a política do governo federal na administração Lula e Dilma, através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC 1 e 2). Desde meados dos anos de 2006 as economias norte-americanas e europeias vêm sofrendo grave crise econômica com o estouro das bolhas financeiras do mercado imobiliário. Sofrendo claros sintomas de uma crise clássica de superprodução, os bancos centrais dos países desenvolvidos se envolveram em políticas de sustentação do crescimento via taxa de juros e crédito fácil. Naturalmente tal liberalidade refletiu no mercado de ativos, inflando preços e produzindo todo tipo de especulação.

O reflexo do estouro da bolha foi a pior depressão econômica desde os anos 30, levando as economias centrais à estagnação dos indicadores de crescimento, refletindo no nível de comércio mundial e na oferta de crédito. Neste cenário, o governo Lula-Dilma adota uma política anticíclica de investimentos em infraestrutura através do PAC 1 e 2, implementados a partir de 2007. Os investimentos públicos dobraram entre 2007 e 2010, passando de 1,62% do PIB, em 2006, para 3,27% do PIB em 2010<sup>22</sup>.

Em um ciclo de depressão econômica que atinge os países desenvolvidos, com altas taxas de desemprego, crescimento negativo e queda nos indicadores socioeconômicos; a intervenção do Estado na economia via gasto público, agentes financeiros estatais (BNDS, Banco do Brasil e Caixa), redução da taxa de juros, desoneração de impostos sobre a produção, intervenção no câmbio visando

<sup>22</sup> [www.brasil.gov.br/pac/relatorios/nacionais/11o-balanco-4...1/.../file](http://www.brasil.gov.br/pac/relatorios/nacionais/11o-balanco-4...1/.../file)

valorizar as exportações e proteger a indústria nacional, entre outras medidas, impactam de forma positiva a mobilidade social e traduzem um cenário otimista para expansão da classe média no Brasil.

### 3 A NOVA CLASSE MÉDIA

#### 3.1 OS COMPONENTES DA NOVA CLASSE MÉDIA

Neste trabalho iremos considerar como componentes da nova classe média<sup>23</sup> os 29 milhões de brasileiros que passaram para a classe C entre 2003 a 2009<sup>24</sup>. A classe C é composta pelas famílias com renda entre R\$ 1.126,00 e R\$ 4.854,00.

Mesmo não sendo o objetivo deste trabalho, não podemos deixar de mencionar o entendimento de (POCHAMANN, Marcio, 2012) de que uma renda familiar de apenas R\$ 1.126,00 não é considerada pela literatura como pertencente à classe média.

“Tendo em vista a importância do emprego de baixa remuneração, que constitui a base da pirâmide distributiva do conjunto de rendimentos do trabalho – ou seja, 47,8% do total da força de trabalho ocupada e 24,5% das remunerações do país – (...). Esse segmento social não poderia estar associado ao conceito de classe média tendo em vista às peculiaridades de suas ocupações e remuneração” (...).

“Em conformidade com a literatura internacional, esse segmento social deveria ser mais bem considerado na categoria de *working poor* (trabalhadores pobres), pois se trata fundamentalmente de trabalhadores pobres”.

---

<sup>23</sup> FGG. **A nova classe média: o lado brilhante dos pobres.**

<sup>24</sup> O número de brasileiros que ascenderam à classe C chegou a 40,3 milhões entre 2005 e 2011. Com isso, a classe C, em sete anos, passou de 34% para 54% da população, de acordo com o estudo *O Observador Brasil 2012*, divulgado nesta quinta-feira pela Cetelem BGN, empresa do grupo BNP Paribas. Em 2005, a classe C tinha 62.702.248 brasileiros. No ano passado, esse número havia subido para 103.054.685. Em 2010, eram 101.651.803 - ou 53% da população.

ANDRADE, W. **Mais de 40 milhões entraram na Classe C em sete anos.**

### 3.2 PROGRESSISTA OU CONSERVADORA?<sup>25</sup>

A complexidade do tema, inferir se a posição ideológica de determinada camada social pode ser aferida pela diversidade de opiniões abaixo relatadas:

O cientista político André Singer afirmou na tarde deste sábado, em um seminário de conjuntura política do PT de São Paulo, que a classe média emergente no País tende a votar de forma conservadora. De acordo com ele, o vínculo com setores religiosos, notadamente as igrejas evangélicas, além do individualismo e da falta de politização pode fazer com que tal grupo se volte contra os partidos de esquerda nas urnas.<sup>26</sup>

O cientista político Christian Edward Cyril Lynch, professor do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Iesp/Uerj) e da Universidade Gama Filho (UGF) se mantém cauteloso sobre as preferências da classe ascendente. “Nenhuma classe social é de direita ou esquerda a priori”, afirma. “O voto da maioria esmagadora do eleitorado é pragmático. Vota a favor do governo ‘que lhe faz bem’ e contra o governo ‘que lhe faz mal’.” Ainda assim, uma tendência que o professor identifica é de uma população mais ideológica, porque “normalmente, quem debate ideologia é a classe média. Se ela aumenta de tamanho, a ideologia também tende a aumentar”.<sup>27</sup>

<sup>25</sup> Iremos considerar como sinônimos os termos esquerda e progressista, direita e conservador. “... o que qualifica os ideais de esquerda é o brocardo latino *“sapere aude”* (ouse saber). Entretanto, principalmente nos chamados países industrializados, este princípio desdobrou-se em vários subprincípios importantes. Além do ideal da igualdade e dos ideais de emancipação que implicam profundos sentimentos feministas e anti-racistas, são inerentes aos ideais da Esquerda, entre outros: (a) o primado do igualitarismo sobre os direitos da propriedade e do livre comércio; (b) o racionalismo; (c) o laicismo, ou seja, a valorização de tudo o que é profano (a coisa sagrada é relegada ao foro íntimo ou simplesmente eliminada); (d) a busca da felicidade na terra, sem limitações ético-religiosas (legalização do aborto, facilitação do divórcio, casamento de pessoas do mesmo sexo); (e) o horror à oligarquia; (f) o progressismo, a identificação permanente com as classes inferiores da sociedade; (g) a preservação do meio ambiente e os interesses dos trabalhadores, que devem prevalecer sobre a necessidade de crescimento econômico; (h) a inexistência de conceitos absolutos de bem e mal, o que implica penas mais brandas para os criminosos que, pensando bem, não cometeriam crimes, mas, quando muito, cometeriam erros, ou até mesmo poderiam estar defendendo seus direitos (a abolição da pena de morte é uma palavra-de-ordem comum da esquerda contemporânea); e (i) o anti-fascismo e a valorização da paz.

A Direita, como explica Bobbio, segue o princípio *“Noli altum sapere sed time”* (Não te envaideças de teus elevados saberes, mas teme-os). São ideais da Direita: (a) o individualismo que deve prevalecer sobre a busca da igualdade (principalmente a valorização da propriedade e da livre iniciativa para investir); (b) a intuição (irracionalismo); (c) tudo o que é sagrado deve primar sobre o profano; (d) a valorização da família tradicional (restrições ao divórcio, proibição do aborto e do homossexualismo); (e) o elogio da nobreza e do heroísmo (a felicidade pode ser um mal); (f) o racismo; (g) o militarismo e a obsessão com a defesa e a segurança nacional; (h) o crescimento econômico que deve prevalecer sobre a preservação do meio ambiente e dos interesses mais imediatos dos trabalhadores; (i) o anticomunismo, a valorização da ordem, do machismo e da hierarquia (horror à anarquia); (j) a tradição e o conservadorismo e, portanto, a identificação permanente com as classes superiores da sociedade; (l) a valorização corresponder um castigo expiatório, ou seja, penas severas para os criminosos, o que pode incluir a defesa da legalização da pena de morte.”

JORGE C.; COSTA, S. **A direita e a esquerda no pós guerra fria.**

<sup>26</sup> FREITAS, Hermano. **A nova classe média brasileira é conservadora.**

<sup>27</sup> COSTA, Fernando Nogueira. **Conservadorismo no Brasil.**

*As esperanças de muitos observadores conservadores estão depositadas na ascensão da nova classe média.* “Vem aí uma onda conservadora por trás da ascensão da classe C, pode ter certeza”, vaticina o cientista político Edson de Oliveira Nunes, professor da Universidade Cândido Mendes, que, como o direitista professor de filosofia Denis Lerrer Rosenfield, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), reivindica uma direita moderna. “Tornar-se conservador é a trajetória comum a todas as classes ascendentes que já houve no mundo.” A origem desse conservadorismo é “o medo de perder o que está ganhando”. Porém, “esse conservadorismo às vezes se mistura a um perigoso moralismo impregnado de religião”.<sup>28</sup>

O sociólogo Alberto Carlos Almeida ressalva que a mudança de valores é sempre lenta. Trata-se de valores nucleares (“core values”), que ficam impregnados nas gerações e se transformam de forma conflituosa e paulatina. Por enquanto, as famílias pertencentes à classe C compartilham, na média, das opiniões dos demais brasileiros. Na pesquisa do GPP, 48,6% das famílias com renda entre 2,1 e 5 salários mínimos, cujo perfil recorta o da nova classe média, recusam uma menor intervenção do governo na sociedade. Na economia, 55,8% querem mais governo. A reforma agrária, com apoio amplo no país como um todo (68,8%), tem ainda mais adeptos nessa faixa de renda: 74,4%, com só 16,6% contrários.<sup>29</sup>

Jessé de Souza: Os “batalhadores” não são uma classe homogênea. Nem sequer se percebem como classe. Estamos adentrando um terreno novo que ainda exige estudo e reflexão. O que pude perceber em minha pesquisa são resultados díspares e heterogêneos. Ainda que a ideologia do “mérito individual” tenha convencido, por razões compreensíveis, parcelas ponderáveis dessa classe, o que a aproxima das classes médias “verdadeiras”, a maioria dos batalhadores se mostrou sensível e favorável aos programas sociais de distribuição de renda – com uma sensibilidade social maior que nas classes do privilégio. A direção política que a classe emergente vai tomar é, portanto, uma luta em aberto. Ela tanto pode ser colonizada pelas classes dominantes economicamente dinâmicas, politicamente conservadoras e socialmente irresponsáveis que caracterizam a sociedade brasileira, como se transformar num protagonista novo, uma “luz no fim do túnel” que sirva de inspiração e exemplo para o exército de abandonados sociais no Brasil. De qualquer modo sua função de fiel da balança tanto da economia quanto da política brasileira no futuro próximo parece certo.<sup>30</sup>

Bolívar Lomounier: Descartemos, desde logo, a ideia de um comportamento rigorosamente unitário, afinal estamos falando de um agregado com mais de 40% da população. Segundo, descartemos o determinismo que ainda assombra o imaginário de alguns sociólogos. Se as novas classes médias necessariamente devessem se comportar de um jeito ou de outro, o ponto de vista expresso por FHC não faria sentido. De duas, uma: elas seriam inacessíveis ao apelo da oposição ou já a estariam apoiando. Nem uma coisa nem outra. Trata-se de um terreno contestado, como tudo na vida política. Depende da agenda política. Basta lembrar que elas contribuíram maciçamente para a vitória de FHC em 1994 e 1998 e para as de Lula em 2002 e 2006.<sup>31</sup>

---

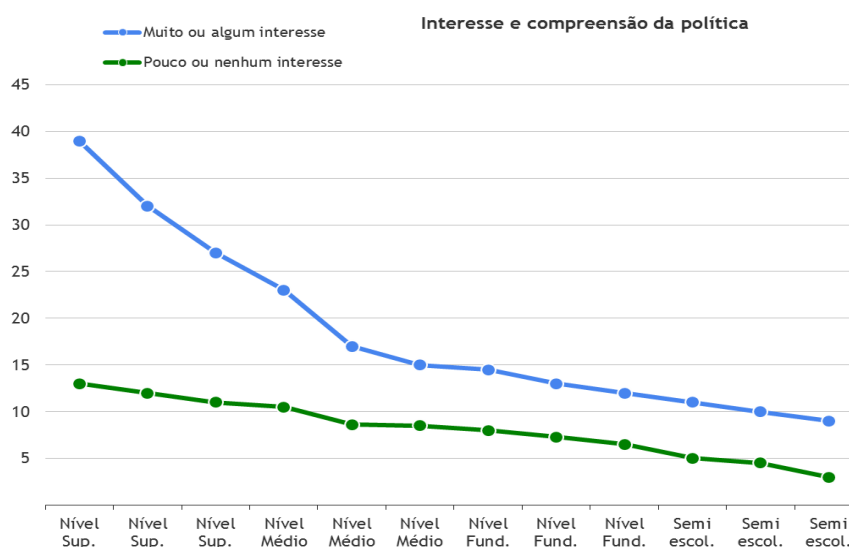
<sup>28</sup> Idem 27

<sup>29</sup> Idem 27

<sup>30</sup> MARSIGLIA, Ivan. **Aonde vai a nossa classe média.**

<sup>31</sup> Idem 30.

Temos opiniões para todos os gostos, desde considerar a nova classe média conservadora, passando pela ideia que a posição política é fluída até o entendimento de que há possibilidade de uma evolução para posições progressista. No livro de Amaury de Souza e Bolivar Lamounier<sup>32</sup>, em resposta a pergunta sobre o que os entrevistados entenderiam por direita ou esquerda, apenas 8% com escolaridade de nível superior compreendia o termo em seu âmbito ideológico; mais de 90% de todas as faixas de instrução não sabiam do que se tratava ou tinham a noção de que esquerda e direita é uma posição conjuntural (ser contra a corrupção ou a favor, ser contra ou a favor do governo). Quando o questionamento é sobre a informação e compreensão da política, a pergunta padrão - “a política é tão complicada que às vezes a gente não consegue entender o que acontece” – teve aprovação de 88% dos entrevistados (72% para os de nível universitário e 95% para os semiescolarizados). O gráfico abaixo demonstra quão distante é o universo da política para o brasileiro, em especial para as faixas com menor tempo de escolarização.



Fonte: SOUZA, Amaury de, LAMOUNIER, Bolivar **A classe média brasileira – ambições, valores e projetos de sociedade.**

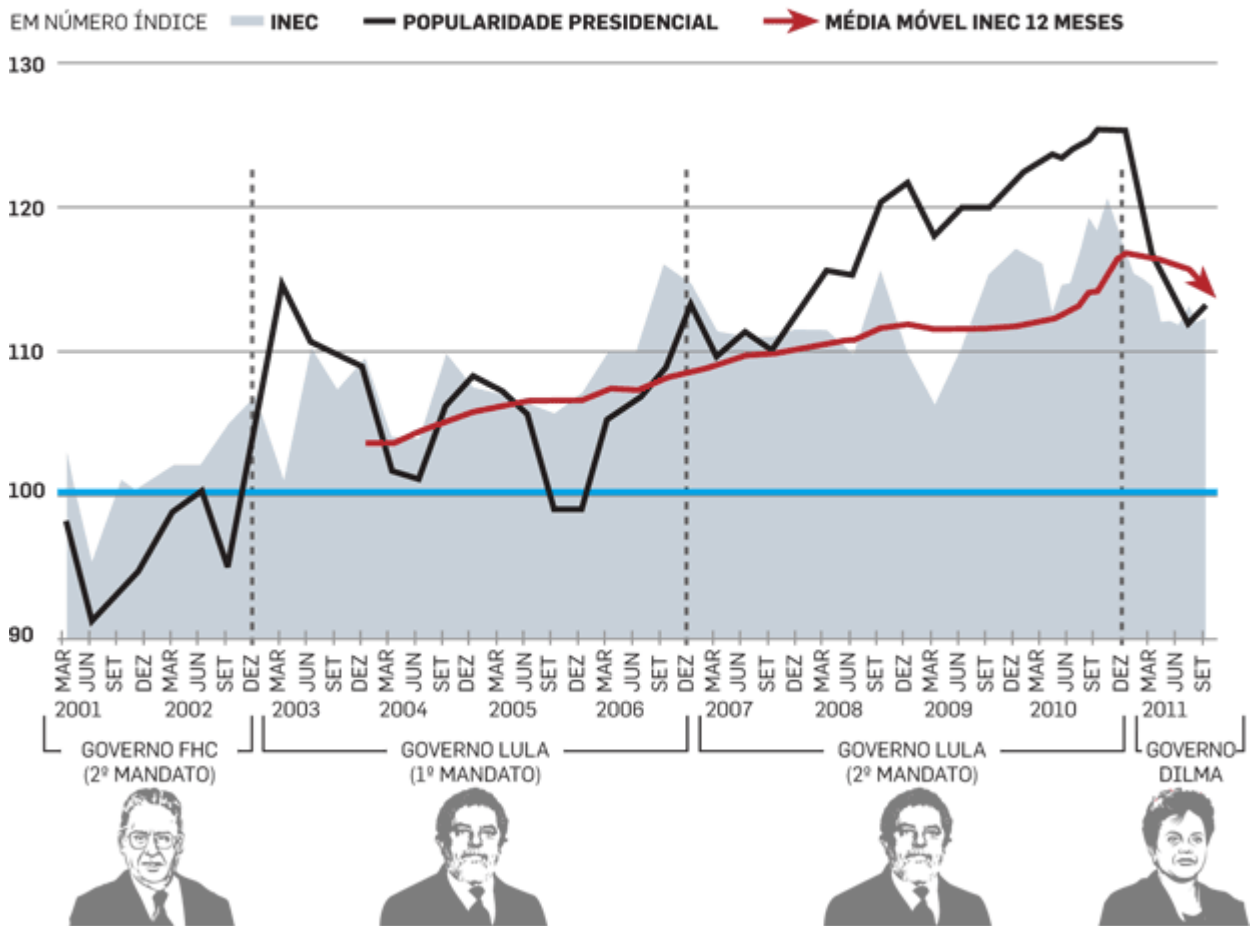
Aparentemente existiria uma indefinição disseminadas na sociedade brasileira sobre ideologia política e política partidária e uma miríade de opiniões divergentes dos especialistas sobre o tema.

<sup>32</sup> SOUZA, Amaury de, LAMOUNIER, Bolivar **A classe média brasileira – ambições, valores e projetos de sociedade.**

A incapacidade do indivíduo se posicionar dentro do espectro ideológico, como progressista ou conservador, não significa que o indivíduo não tenha uma ideologia e, no nosso entendimento, há uma confusão entre voto e ideologia. O gráfico abaixo demonstra claramente que o eleitor brasileiro não se prende a questões ideológica e de cunho partidário. O preponderante é o “bolso” do indivíduo.

## Popularidade x Consumo

● Saldo de aprovação presidencial ("ótimo/bom" menos "ruim/péssimo") acompanha Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (Inec)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados de popularidade do Ibope e do INEC da CNI

Infográfico: AE

Fonte: ESTADÃO.COM.BR, **Dilma Teflon, nada gruda na popularidade presidencial.**

O autor José Roberto de Toledo resume assim o gráfico acima:

“Como o gráfico que ilustra este texto mostra, o crescimento do consumo de massa esteve intimamente ligado à disparada de popularidade de Lula. As curvas que representam a confiança do consumidor (em cinza, medida pelo INEC da CNI) e o saldo de aprovação presidencial (em preto, medido pelo Ibope) correram paralelas, num trajeto cheio de altos e baixos, mas com coeficiente de correlação de 0,83 -num máximo de 1,0.

É uma correlação muito forte. Significa que se um dos indicadores sobe ou cai, o outro tem enormes chances de acompanhá-lo. Foi assim ao longo de todo o governo Fernando Henrique Cardoso e no primeiro mandato de Lula. Mas a partir da segunda metade do segundo mandato, a popularidade de Lula e a confiança do consumidor, embora mantivessem o mesmo rumo ladeira acima, se descolaram. A aprovação ganhou uma camada extra de cobertura. A taxa líquida de popularidade da presidente (“ótimo”+“bom” subtraído o percentual de “ruim”+“péssimo”) medida pela pesquisa CNI/Ibope está colada à situação financeira do brasileiro, aferida pela mesma sondagem. A superposição das duas curvas ocorre praticamente desde o começo do governo Dilma. Para onde uma vai, a outra vai atrás. Estatisticamente, “seu coeficiente de correlação é muito alto: 0,88 num máximo de 1,00.”

Fica claro, pelo gráfico anterior, que eleito para dois mandatos presidenciais FHC e seu projeto neoliberal de governo foram guindados do poder pela caótica situação econômica do final do seu mandato, expresso no baixo nível de popularidade do seu governo. O eleitor que votou em 1989 em Collor, e reelegeu FHC foi o mesmo eleitor que votou em Lula duas vezes e elegeu Dilma. Ou seja, a ideologia pouca influência trás ao voto, desconsiderando os setores mais politizados da sociedade; a grande parcela da população vota com base na avaliação da sua situação econômica presente. Os componentes culturais e os valores ideológicos ficam em segundo plano.

Disto isto, entendemos que afirmar, via análise de votações, que a nova classe média é progressista, ou opta pela via à esquerda, por votar no Lula e na Dilma parece fora da realidade dos fatos. Entretanto, analisando este novo extrato social, Vladimir Safatle<sup>33</sup> argumenta que a o “lulismo”<sup>34</sup> produziu um conservadorismo, filho bastardo do lulismo. Criação de larga escala assistência social, melhora salário mínimo e ampliação do crédito resultando consumo.

---

<sup>33</sup> SATAFLE, Vladimir. **Ascensão Conservadora.**

<sup>34</sup> Idem 33.

Conservadorismo dos costumes, anti-intelectualismo, relação problemática igreja estado. Igrejas Evangélicas trazem a visão norte americana, da teologia da prosperidade e o medo do comunismo. Quebra hegemonia cultural esquerda. Processo de ascensão via processo de solidariedade social via serviços sociais básicos. Por exemplo, serviço escolar de qualidade. Entende o direito de cidadania como direito de consumo. Não há projeto de esquerda, cooptados pela direita<sup>35</sup>.

---

<sup>35</sup> Idem 33.

## CONCLUSÃO

A resposta da questão sobre o posicionamento ideológico, se conservador ou progressista, da nova classe média, a primeira vista, parece contraditório. Entendemos que a raiz da aparente contradição é a confusão entre voto e ideologia. Se para nós, os ilustrados da classe média, tal diferenciação não tem sentido, como demonstrado, para a grande maioria da população brasileira não há necessariamente vinculação estreita entre moral, costumes, ideologia e voto. Outro fator que gera certa confusão é a também aparente discrepância entre as políticas sociais e econômicas de um governo do Partido dos Trabalhadores (PT). Contribuindo para uma forte redução da desigualdade social, via redistribuição de renda, as políticas distributivas foram moldadas de forma a não se chocarem com os ditames do modo de produção capitalista ou, de forma mais característica, trouxeram os indivíduos que estavam condenados a pertencerem eternamente ao exército industrial de reserva para o circuito de valorização do capital. Realizada desta forma, a inclusão social de amplas parcelas de marginalizados se faz dentro da perspectiva conservadora.

Desta forma, sendo os indivíduos moldados pela ideologia da classe dominante via aparelhos ideológicos e, no caso específico, pelas das políticas sociais e econômicas conservadoras de inclusão social do PT, o resultado é que para os emergentes só existe a opção da posição ideológica conservadora. Tal ideia estaria de acordo com as formulações acima transcritas de André Singer e Christian Edward Cyril Lynch de que a nova classe média é conservadora mas sua opção de voto é fluída, dependendo da resultante de diversos fatores no momento da eleição.

Se a nova classe média é ideologicamente conservadora e seu peso eleitoral decisivo na eleição presidencial, a conclusão lógica é de que a manutenção do PT na presidência da República depende fundamentalmente de uma política de crescimento econômico e inclusão social crescente. Em outras palavras, deve haver um fluxo contínuo de elementos oriundos das classe D e E para a classe C, mantendo a nova classe média em contínua expansão. Isto explica, em parte, todo o esforço das administrações petistas, desde a posse de Lula, em manter políticas econômicas expansionistas e anticíclicas, mesmo a custo de enfrentamento classistas, como é o caso do choque com a burguesia financeira no caso da redução da taxa de juros no governo Dilma. Aqui a sobrevivência política fala mais alto.

Em relação aos novos elementos da classe C, entendemos como Pochmann de que a nova classe média é composta, em sua maioria, por trabalhadores mal remunerados, distantes portanto do que tradicionalmente seria considerado classe média. Ou seja, existe ainda um grande espaço para que estes novos membros da classe C sejam incluídos socialmente, via políticas públicas na área de educação, saúde e relações trabalhistas.

É a sugestão de Safatle, de que a esquerda, impedida pelas arraigadas posições conservadoras da sociedade brasileira, que descartam qualquer discurso sobre a luta de classes, deixe de incluir setores sociais marginalizados pela via capitalista de expansão do consumo e introduza um projeto de bem estar social. A caótica situação da saúde pública e do ensino básico no Brasil exigem pesados investimentos e forte política econômica distributiva. Existe um limite para a inclusão social via aumento do salário mínimo, expansão do crédito e concessão de bolsas auxílio. A partir de determinado ponto, tais políticas não irão mais surtir o efeito esperado e demandarão outras formas de incremento da ascensão social que, no regime de acumulação privada de capital, passam necessariamente pela elevação de produtividade do trabalho. Produtividade do trabalho é obtida via investimentos em formação bruta de capital fixo, desenvolvimento tecnológico e capacitação de mão de obra. Neste ponto investimentos significativos, principalmente em educação básica e profissionalizante, seriam fundamentais para alavancar a mobilidade social e elevar significativamente os padrões de vida de amplas parcelas da população.

Esta seria a forma de que os emergentes percebessem que o Estado não é neutro e que as políticas governamentais podem agir de forma proativa na melhoria das condições de vida. Tradicionalmente o discurso conservador no Brasil, da UDN e do atual PSDB, nunca conseguiu fugir da ladainha anticorrupção e a favor da moral e bons costumes. Sem qualquer projeto que não fosse o alinhamento automático aos padrões de dominação econômica e cultural dos países centrais, o projeto político da burguesia dependente brasileira e da classe média tradicional só apresentarão viabilidade eleitoral pela falha do PT em não superar o pesado passado neoliberal do equilíbrio fiscal, do combate à inflação via taxa de juros, do Estado mínimo e da suposta eficiência da gestão privada sobre a pública.

## REFERÊNCIAS

1. ANDRADE, W. **Mais de 40 milhões entraram na Classe C em sete anos.** Disponível em <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia%20geral,mais-de-40-milhoes-entraram-na-classe-c-em-sete-anos,106974,0.htm> – Acesso em: 16/08/12.
2. ALTHUSSER, Louis. **“A favor de Marx”**, Rio de Janeiro: Zahar editores, 2ª Ed. 1979
3. \_\_\_\_\_. “Aparelhos ideológicos de Estado – Notas sobre os aparelhos ideológicos de Estado”. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 3ª Ed. 1987.
4. BAFFES J. Disponível em: <http://blogs.worldbank.org/prospects/placing-the-200608-commodity-price-boom-into-perspective>. Acessado em: 19/09/2012.
5. BARBOSA, N.; SOUZA, S.A.P. **A INFLEXÃO DO GOVERNO LULA: POLÍTICA ECONÔMICA, CRESCIMENTO E DISTRIBUIÇÃO DE RENDA;** Disponível em: <http://nodocuments.files.wordpress.com/2010/03/barbosa-nelson-souza-jose-antonio-pereira-de-a-inflexao-do-governo-lula-politica-economica-crecimento-e-distribuicao-de-renda.pdf>. Acesso em: 18/08/12
6. **Carta de Engels a Bloch**, Disponível em: [www.unioeste.br/projetos/histedopr/.../Carta\\_Engels\\_Bloch.rtf](http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/.../Carta_Engels_Bloch.rtf). Acesso em: 18/09/2012
7. COSTA, Fernando Nogueira. **Conservadorismo no Brasil.** Disponível em: <http://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2012/04/20/conservadorismo-no-brasil>. Acesso em: 21/08/2012
8. Departamento Intersindical de estatísticas e estudos sócio-econômicos (DIEESE). **Política de valorização do salário mínimo.** Disponível em: <http://www.dieese.org.br/notatecnica/notatec106PoliticaSalarioMinimo.pdf>. Acesso em: 18/09/2012.
9. ESTADÃO.COM.BR, **Dilma Teflon, nada gruda na popularidade presidencial.** Disponível em: [http://blogs.estadao.com.br/vox-publica/2012/04/05/dilma-teflon-nada-gruda-na-popularidade-presidencial/?doing\\_wp\\_cron=1351288937](http://blogs.estadao.com.br/vox-publica/2012/04/05/dilma-teflon-nada-gruda-na-popularidade-presidencial/?doing_wp_cron=1351288937). Acesso em: 26/10/2012.
10. FGG. **A nova classe média: o lado brilhante dos pobres** – Disponível em <http://www.cps.fgv.br/cps/ncm/> - Acesso em: 16/08/12.
11. FIOCCA, Demian. **Porque o Brasil cresceu mais.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2102201107.htm> . Acesso em: 19/09/2012.

12. FREITAS, Hermano. **A nova classe média brasileira é conservadora.** Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,O15030267-E17896,00Nova+classe+media+brasileira+e+conservadora+diz+Singer.html>. Acesso em: 16/08/2012.
13. GERBELLI, L.G. **Seis produtos são responsáveis por metades das exportações brasileiras.** Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia,seis-produtos-sao-responsaveis-por-metade-das-exportacoes-brasileiras,105640,0.htm>. Acesso em: 18/09/2012.
14. JORGE C.; COSTA, S. **A direita e a esquerda no pós guerra fria.** Disponível em: <http://www.iabnacional.org.br/IMG/pdf/doc-1170.pdf>. Acesso em: 21/08/2012.
15. LENA L.; FERRAZ C.; VEIGA A. (Colaboradora). **Inclusão financeira, crédito e desenvolvimento: que papel uma renda básica pode jogar nesse processo?** Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/bien/pt/papers/InclusaoFinanceiraCreditoeDesenvolvimento.pdf> Acesso em: 19/09/2012.
16. MARSIGLIA, Ivan. **Aonde vai a nossa classe média.** Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,aonde-vai-a-nova-classe-media,707433,0.htm>, Acesso em: 16/08/2012.
17. Marx e Engels – **A ideologia alemã** – pág 47 – ed. boitempo editorial – São Paulo – 2007.
18. MARX, Karl. – **“Para a crítica de economia política”** – ed. Nova cultural – 1987 – são Paulo – 4ª edição – pág. 29/30.
19. MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial – o homem unidimensional.** Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 6ª Ed. 1982.
20. NAKANO, Yoshi. **A grande transformação social.** Disponível em: <http://www.provedor.nuca.ie.ufrj.br/eletrobras/estudos/nakano11.pdf>. Acesso em: 18/09/2012.
21. SATAFLE, Vladimir. **Ascensão Conservadora.** Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ZjiQQIqkBVM>. Acesso em: 26/10/2012.
22. SOUZA, Amaury de, LAMOUNIER, Bolivar **A classe média brasileira – ambições, valores e projetos de sociedade.** Pág. 139. Edit. RJ – Elsevier. Brasília: 2010.

23. SOUZA, L. S. **A importância econômica das exportações de commodities para o Brasil**. Disponível em: <http://mundorama.net/2011/06/14/a-importancia-economica-das-exportacoes-de-commodities-para-o-brasil-por-leonardo-silveira-de-souza/>. Acesso em: 18/09/2012.

24. POCHAMANN, Marcio. **Salário, produtividade e estabilização**. Disponível em: <http://www.controversia.com.br/index.php?act=textos&id=11589>. Acessado em: 19/09/2012.